

MAMOA 1 DA PEDREIRA, S. PEDRO DE VALE DO CONDE
(MARMELOS, MIRANDELA)
ESCAVAÇÃO DE EMERGÊNCIA

*Maria de Jesus Sanches**
*Iva João S. Teles M. Botelho***
*Margarida M. Santos Silva****

1. — LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO E ACESSOS

Lugar: S. Pedro de Vale do Conde

Freguesia de Marmelos

Concelho de Mirandela

Distrito: Bragança

Coordenadas:

Lat. 41° 26' 17" N

Long.- 1° 55' 25" E de Lx

Alt. absol. 360 m (Seg. a Carta Militar de Port. na esc. 1: 25000, folha 90) (Fig. 1)

Quem de Mirandela se dirigir pela estrada alcatroada a S. Pedro de Vale do Conde, depara, ao Km 4 e do lado esquerdo, com um caminho carreteiro recentemente reaberto, o qual conduz ao núcleo de mamoa da Pedreira. A mamoa 1, porque cortada pelo caminho, é fácil de detectar, precisamente a 750 m da bifurcação da estrada. Implanta-se, tal como as nº 2 e 3, numa vasta área de peneplano contígua ao vale do rio Tua (hoje totalmente agricultada de cereais e oliveiras). Esta área é fracamente drenada por pequenos cursos de água, predominantemente sazonais e que correm por vales muito abertos. Dirigem-se todos para o rio Tua.

Os solos, de natureza argilosa, são atravessados por formações de xistos e quartzitos (do Silúrico).

2. — MOTIVOS E OBJECTIVOS DA REALIZAÇÃO DE UMA ESCAVAÇÃO DE EMERGÊNCIA NESTE MONUMENTO

Aquando da prospecção arqueológica do concelho de Mirandela, que realizámos essencialmente nos meses do Verão de 1988, a mamoa 1 da Pedreira já havia sido cortada pela estrada, portanto parte do seu *tumulus* estava destruído (1). Nessa altura, uma grande laje de xisto quartzítico, situada no centro da protuberância topográfica, ainda aí jazia coberta de terra e evidenciava ter sido recentemente deslocada. No mês de Agosto de 1990, quando desenvolvíamos escavações na Serra de Passos, decidimos ir mostrar aos alunos que participavam nos trabalhos, o núcleo de mamoa que ficava simultaneamente mais próximo

* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

** Licenciada em História, com a Variante de Arte.

*** Licenciada em História. Professora do Ensino Secundário (Escola C+S de Paços de Brandão).

(1) M. J. Sanches e B.C.T.O. Santos, Levantamento arqueológico do concelho de Mirandela, *Portugália* n. s. VIII, 1987, 17-56.

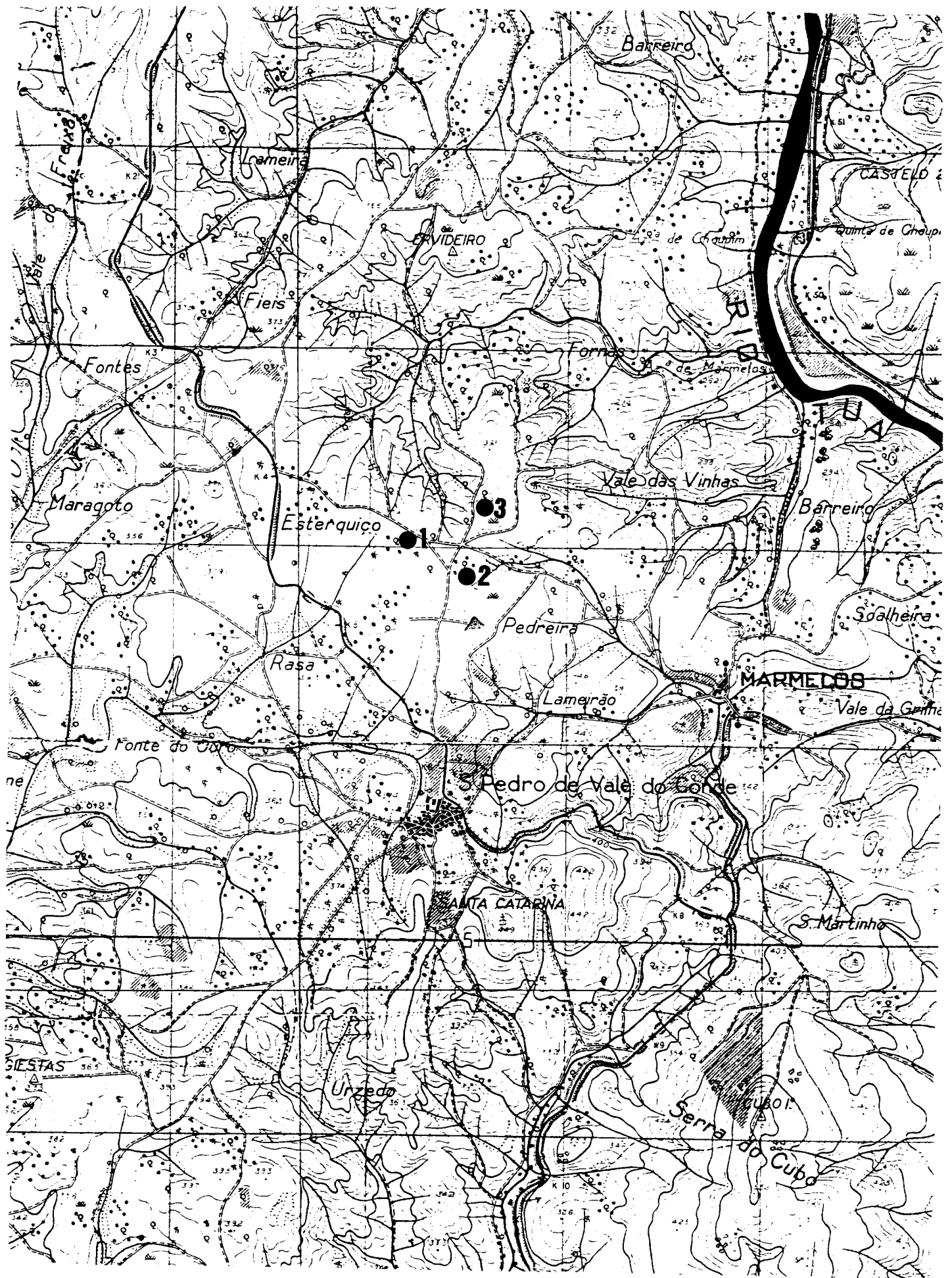


Fig. 1 — Localização das mamoadas 1, 2 e 3 da Pedreira (Seg. a Carta Militar de Portugal, na esc. 1/25 000, folha 90).

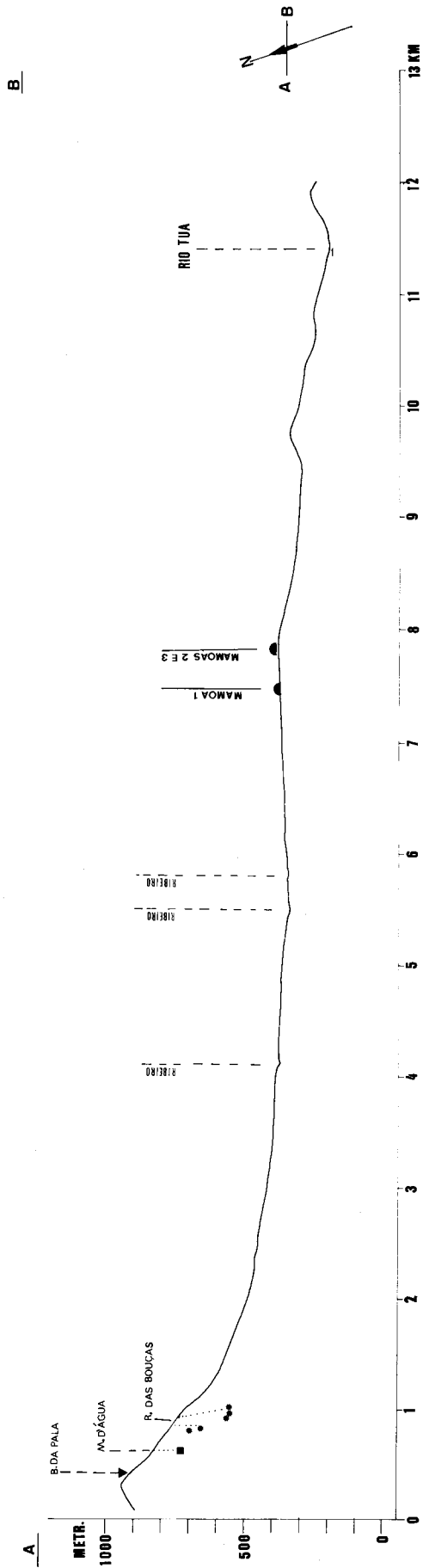


Fig. 2 — Perfil topográfico A-B (genericamente W-E) do território da bacia depressionária de Mirandela, compreendido entre a Serra de Passos, a Oeste e o rio Tua, a Leste. Na Serra de Passos figura o abrigo Buraco da Pala, o povoado pré-histórico Mãe d'Água e os abrigos com pintura esquemática do Regato das Bouças; no peneplano vemos as mamoas do núcleo da Pedreira. O povoado Mãe d'Água, os abrigos do Regato das Bouças e as mamoas 2 e 3 da Pedreira, estações por sobre as quais não passava este perfil, figuram em projecção horizontal. (Seg. a Carta Militar de Portugal, na esc. 1/25 000, folhas 76, 90 e 91).

daquela Serra e se avistava da entrada do abrigo Buraco da Pala (Fig. 2). Verificámos então que o terreno tinha sido profundamente revolvido. Constatámos posteriormente que para tal fora utilizado um potente tractor. A grande laje supracitada fora totalmente desenterrada e parcialmente removida do centro do monumento (Fig. 3).

Desde logo comunicámos ao SRAZN esta destruição e dispusémo-nos a realizar aí uma escavação de emergência. Esta destinava-se a recuperar a documentação ainda jacente, dado que a passagem permanente de pesadas máquinas agrícolas por sobre o *tumulus*, assim como a remoção por elas efectuada, destruiria, sem qualquer dúvida, tudo o que restava da mamoa.

Deslocou-se de imediato ao local o Dr. Miguel do SRAZN, o qual reconheceu a necessidade de uma intervenção de emergência. Passados poucos dias, aquela instituição informava-nos de que já havia sido concedida autorização para a realização da escavação (2).

De destacar aqui que a maioria dos monumentos sob *tumuli* (megalíticos ou não), da bacia depressionária do Tua, se encontra totalmente, ou quase totalmente, destruída. Em torno a S. Pedro de Vale do Conde, portanto nas áreas aplanadas e erosionadas contíguas ao rio Tua, há notícias da existência, em tempos passados, de 5 monumentos deste tipo. Porém, na actualidade já só resta, no núcleo da Pedreira, a mamoa 1 (que é objecto deste trabalho) e a mamoa 2. A mamoa 3 foi recentemente arrasada com uma máquina agrícola. De referir todavia, que um dos monumentos situado a cerca de 1,5Km para Sul da aldeia, no local da *Antinha*, e que havia sido noticiado por F. M. Alves, integrava uma construção megalítica. A atender a um esquema que aquele investigador fez quando visitou o local, trata-se-ia de um dólmen de câmara poligonal ou rectangular, com vestíbulo (duas lajes marcavam a entrada) aberto a nascente (3).

Por outro lado, estando nós a estudar o povoamento, na Pré-história recente, da bacia depressionária de Mirandela, e incidindo os nossos trabalhos fundamentalmente na Serra de Passos, situada a cerca de 7 Km (em linha recta) para W, a mamoa 1 da Pedreira poderia dar-nos indicações mais precisas sobre a ocupação humana das zonas baixas e aplanadas desta região, circunscritas pela Serra de Passos e pelo vale do rio Tua (Fig. 2).

3. — ESCAVAÇÃO: METODOLOGIA E RESULTADOS

A metodologia seguida foi ditada quer pelo estado de conservação da mamoa, quer pela orientação da estrada. Assim, procedeu-se à cobertura fotográfica do local, seguido-se o levantamento topográfico. O traçado das curvas de nível indicaria a orientação das valas a abrir. Após quadriculado o terreno em quadrados de 2x2m (quadriculagem que serviu de base ao levantamento topográfico), decidimos abrir duas valas de sondagem, perpendiculares entre si, e intersectadas no ponto mais alto do montículo. Uma das valas foi traçada de modo paralelo à estrada (Fig. 3).

Dos resultados da escavação dá-nos conta a planta do monumento (Fig. 4), o corte estratigráfico (Fig. 5) e a documentação fotográfica.

A mamoa 1 da Pedreira foi implantada sobre um afloramento proeminente de xisto; essa proeminência foi parcialmente responsável pelo seu volume.

Apresentava-se quase completamente destruída, e não detectámos aí qualquer couraça pétreia. Apesar disso foi identificada uma única camada do *tumulus*, não delimitada exteriormente por pedras. Esta camada (camada 1) tinha no centro cerca de 25 cm de espessura, mas diminuía à medida que se alongava para a periferia.

Se atendermos à extensão da camada 2, diremos que a mamoa 1 da Pedreira teria um *tumulus* de forma subcircular, levemente alongado no sentido NW-SE. Neste eixo teria cerca de 15 m de comprimento.

Aproximadamente no centro geométrico do *tumulus*, escavámos uma estrutura pétreia (E.P.) muito peculiar.

Em planta desenhava-se genericamente em oval alongada no sentido W-E. Tinha de eixo menor 2,60m e de eixo maior 4m.

(2) Os trabalhos foram financiados pelo IPPC (40 mil escudos) e pela Junta de Freguesia de Marmelos (9 mil escudos). Contaram ainda com o apoio logístico e com os transportes da Câmara Municipal de Mirandela.

(3) Cf. nota 1.

MAMOA 1 DA PEDREIRA

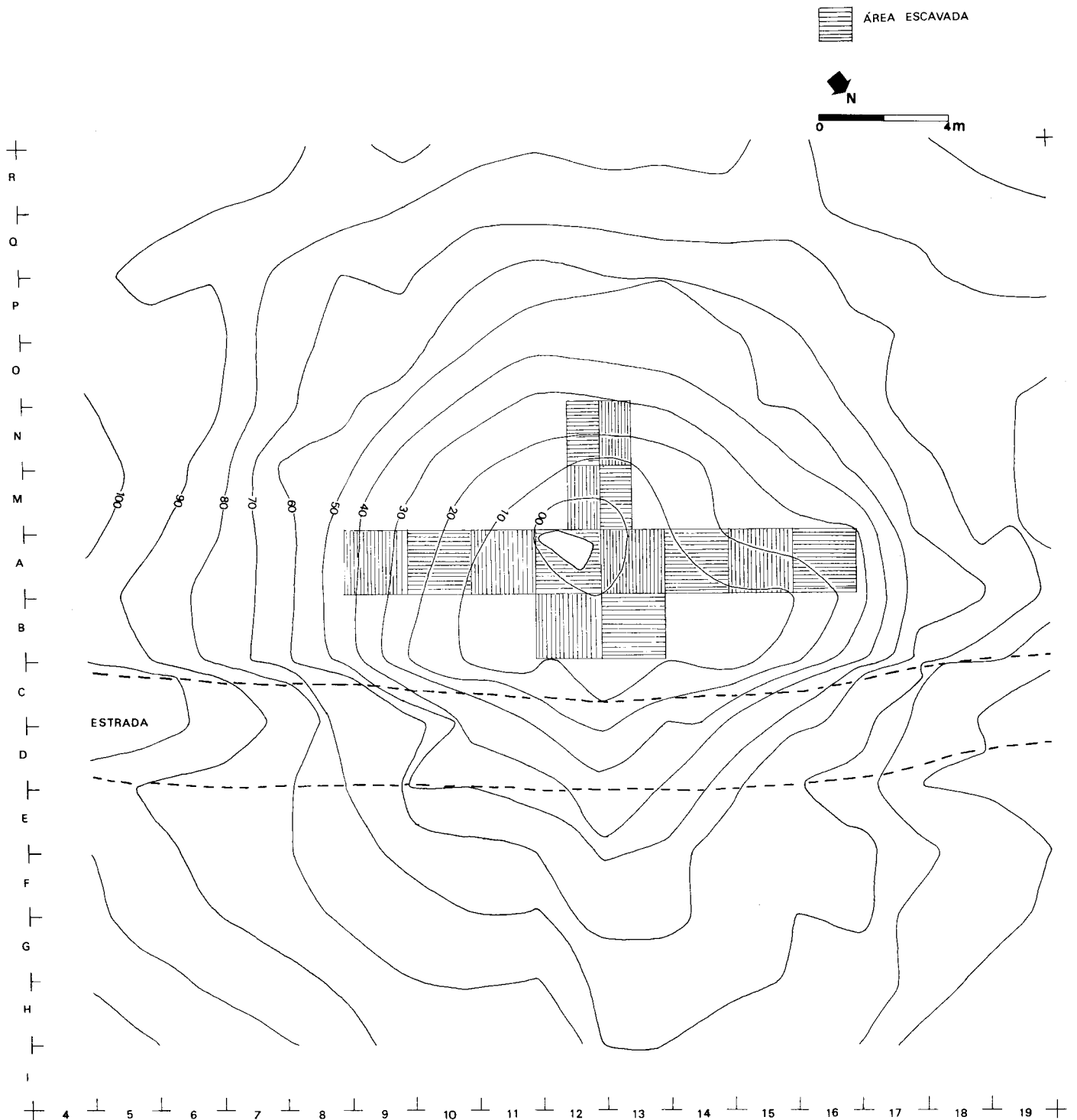


Fig. 3 — Planta topográfica da Mamoa 1 da Pedreira, com indicação da estrada que cortou o *tumulus* ; figura ainda a área escavada. No centro do monumento está representada a grande laje de xisto quartzítico ("Esteio"), que jazia aí tombada aquando do início dos trabalhos.

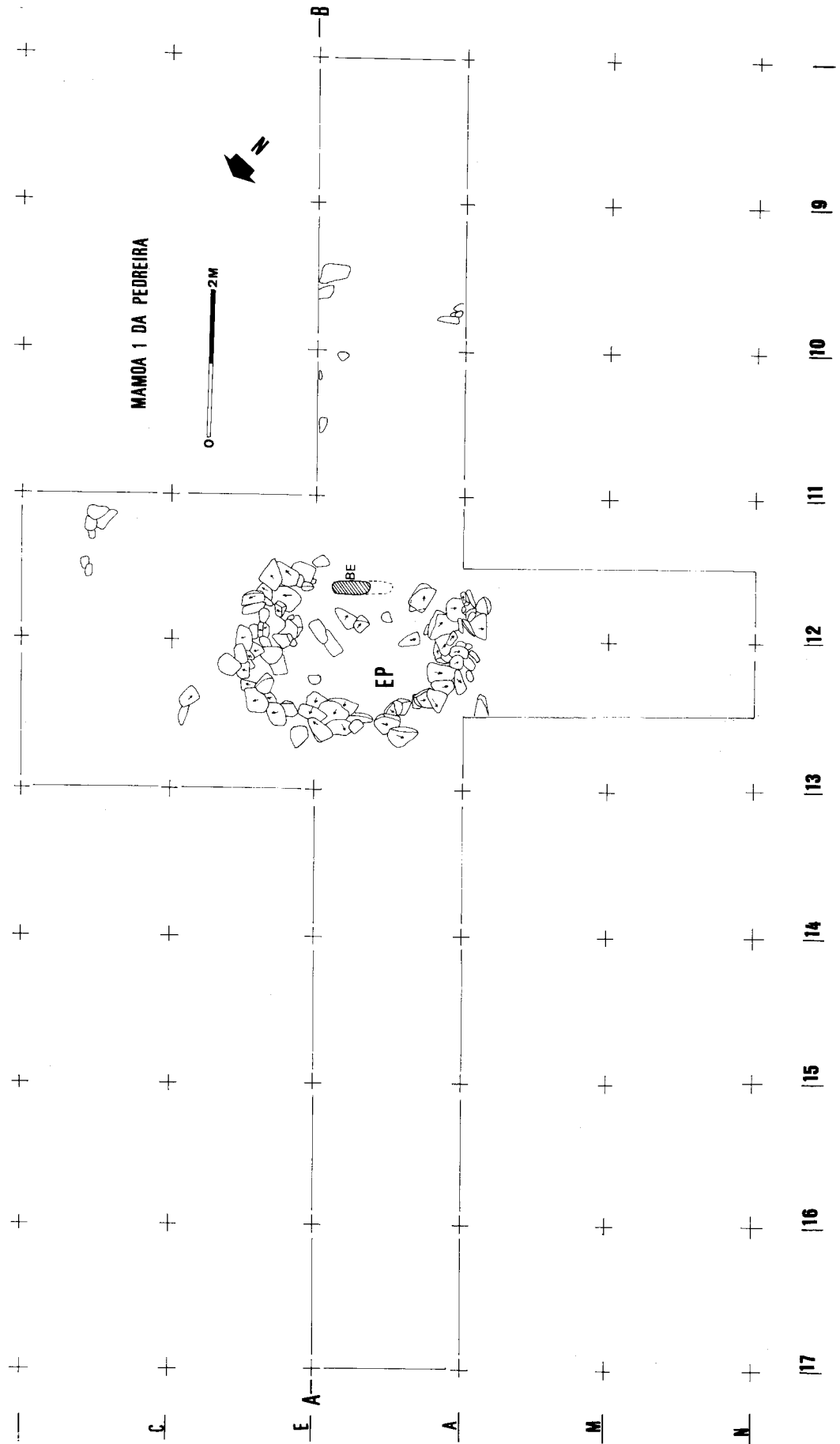


Fig. 4 — Planta geral do monumento. EP — estrutura pétreá subcircular; BE — buraco do "esteio" que fecha a estrutura pétreá central.

Era formada por um arco de pequenas lajes de xisto quartzítico (mais largo numas zonas que nas outras), o qual parecia fechar do lado SSE de encontro à grande laje de xisto (ou esteio, que tem 1,6m de altura) removida pelas máquinas agrícolas. Com efeito, detectámos aí o buraco ou negativo da base dessa laje. Como os contornos do buraco coincidem com aqueles de uma das extremidades do “esteio”, julgamos que aquela grande laje se encontraria aí fincada na vertical ou levemente inclinada para Oeste. Não encontramos vestígios de “assentamento” de outros esteios, nem na periferia da mamoa se encontram lajes de tamanho médio ou grande que nos façam supor terem aqueles existido originalmente. Estas ocorrências infirmaram a nossa ideia inicial de que a estrutura pétreia fosse um contraforte de uma pequena câmara megalítica.

A estrutura pétreia (E. P.) definia um espaço interior também de contorno ovalado, com 1,70 de eixo menor e 2,20 m de eixo maior, e com cerca de 45 cm de profundidade (a partir do topo superior das pedras que a definem no seu contorno). Na sua parte superior encontrava-se preenchida com terra similar à do *tumulus* (cam. 1) (Fig. 5). Porém, um pouco abaixo do nível da base das pedras periféricas, existia um nível horizontal, contínuo e com uma espessura que variava entre 2 e 4 cm, formado de argila muito fina, acinzentada, similar a lodo seco (cam. 3). Sob esta definia-se ainda uma camada de terra argilosa, muito parecida, na sua textura, à da camada 1, embora de cor muito mais avermelhada e mais fina — camada 4. Esta camada assentava no solo geológico (Cam. 2), cuja composição dominante era ainda terra argilosa, muito grosseira. Aqui integrava grande % de cascalho.

4. — ESPÓLIO

É pouco significativo o espólio desta mamoa.

Aquando da nossa visita recolhemos da superfície um elemento movente de mó manual de granito, partido de um dos lados; do outro apresentava esboroamentos recentes (feitos provavelmente pelas relhas do tractor) (Fig. 6.3).

Do quadrado A11 e da base da camada 1 (*tumulus*) provém uma lasca de sílex, não retocada (Fig. 6.1); no quadrado A13, camada 1 e na parte interior da estrutura pétreia (ainda camada 1), foi exumada uma pequena lamela truncada de sílex (Fig. 6.2).

Fizeram-se ainda recolhas de carvão, essencialmente por flutuação e destinadas quer a análises antracológicas, quer a datações pelo C14. Passemos a enumerá-las: 1- E13, camada 1 (terras que integram as pedras da estrutura pétreia)—Antracologia; 2- A12- base da “fossa” ou buraco que inseria o esteio—Antracologia; 3- A12/13, Estrutura Pétreia- camada 4— Antracologia e C14 [recolha directa]; 4- A12/13, Estrutura Pétreia- camada 4—Antracologia e C14 ; 5-A12/13- Estrutura Pétreia- camada 2— Antracologia, C14 e Paleocarpologia. Enviámos para datação absoluta duas amostras retiradas do enchimento da Estrutura Pétreia: uma da camada 4 (amostra 4), outra do topo da camada 2, sob a Estrutura Pétreia (amostra 5). Aguardamos ainda o resultado de todas as análises.

5. — ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mamoa 1 da Pedreira é o segundo monumento escavado com uma metodologia actualizada na bacia depressionária de Mirandela. O outro é a *anta de Arcã* (em Abreiro) que se encontra em vias de publicação.

Ante o que expusémos precedentemente, afigura-se-nos importante pontuar algumas ideias.

A mamoa 1 da Pedreira, apesar de muito destruída, mostrou ter um *tumulus de terra que integrava e envolvia uma estrutura pétreia central*. É provável que este *tumulus* tivesse primitivamente sido provido de mais pedras do que aquelas que nos foi dado registar. Contudo, dado o escasso número de blocos que se espalham pelo terreno circundante, inclinamo-nos a pensar que este monumento nunca deve ter tido uma couraça pétreia contínua.

No centro do *tumulus*, a estrutura pétreia encontrava-se em relativo bom estado de conservação no que diz respeito ao seu contorno feito em lajes. Mas o maior revolvimento efectuado em profundidade deveu-se ao esvaziamento do seu enchimento original e ao deslocamento brusco da grande laje ou “esteio” referida no ponto 3. As dimensões desta fariam com que aflorasse à superfície do solo mesmo que estivesse levemente tombada.

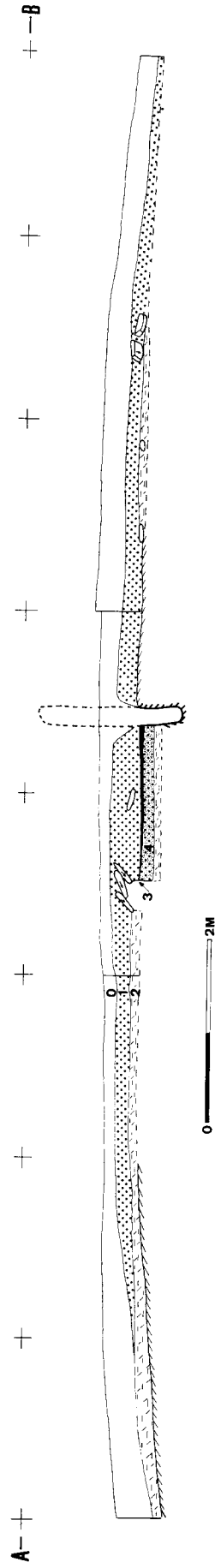


Fig. 5 — Corte estratigráfico A-B (ver sua localização relativa na figura 4). Camada 0 — Terra argilosa, muito revolvida; Camada 1 — Terra argilosa e arenosa de cor castanho avermelhada- terra do *Iurmius*; Camada 2 — Solo argiloso e arenoso, muito duro, de cor bege. Trata-se de solo geológico; Camada 3 — Terra muitíssimo fina, argilosa e compacta, de cor acinzentada(similar a lodo seco); Camada 4 — Terra argilosa, similar à da camada 1, mas mais avermelhada e mais fina.

A Estrutura Pétreia define um espaço interno “ em fossa” pouco profunda (45 cm de prof.). Na sua construção há que distinguir a parte superior — que foi construída mediante a colocação ordenada de lajes alinhadas em oval e inclinadas para o exterior, *por sobre o solo geológico* —, da parte inferior. Esta última foi intencionalmente *cavada* no solo geológico, inserindo-se nele. Uma e outra acções evidenciam a

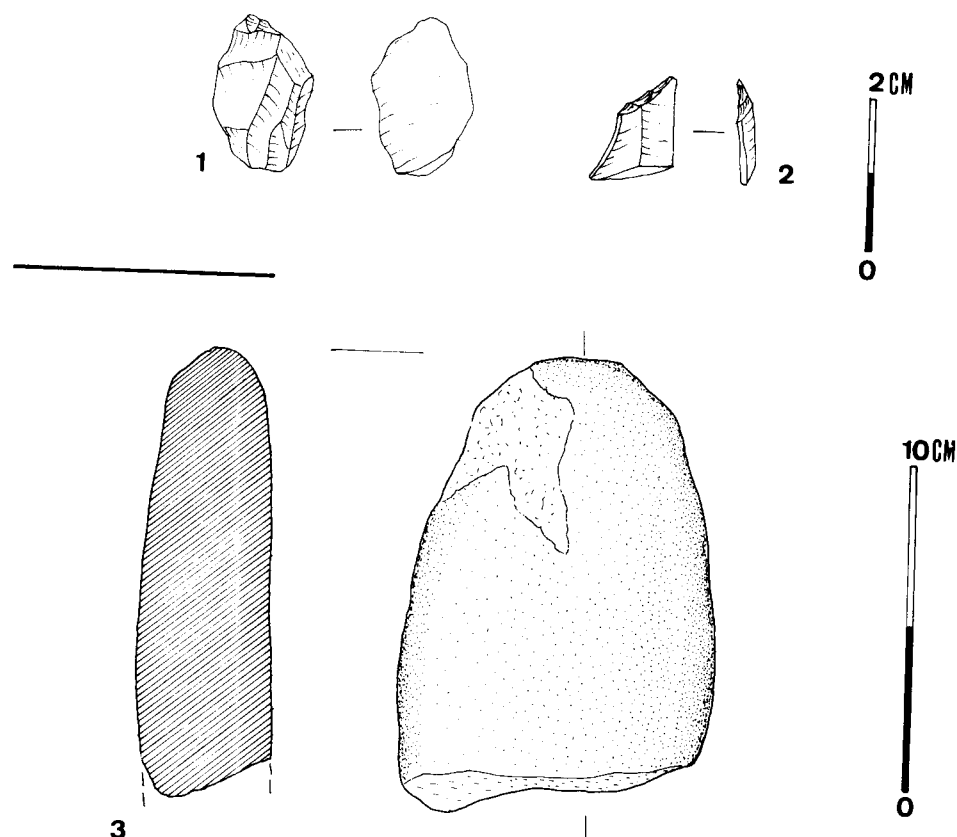


Fig. 6 — Espólio da Mamoa 1 da Pedreira. 1 — Q. A11/ base da camada 1 (*tumulus*) — lasca de dorso preparado, angular, oblíqua, provida de talão com plano de percussão liso; não retocada; ausência de vestígios de utilização. Mat. prima-sílex. 2 — Q. A 13, camada 1 (interior da estrutura pétreia) — instrumento microlítico sobre lamela truncada na extremidade distal e com dorso abatido não retocado; retoque directo, escamoso e abrupto. Mat. prima- sílex. 3 — Recolha de superfície — elemento movente de mó manual de granito, partido de um dos lados; do outro apresenta esboroamentos recentes.

intenção de delimitar um espaço (sepulcral ?) de contorno subcircular ou oval, cavado no solo de base e delimitado perifericamente por um alinhamento de pequenas lajes e por um “esteio” ou laje erguida em posição vertical ou subvertical. Uma camada de argila fina e acinzentada — camada 3 —, marca, no enchimento desta estrutura, o nível abaixo do qual nos pareceu não terem ocorrido grandes revolvimentos.

Deste modo, a mamoa 1 da Pedreira revela-se como um monumento singular no conjunto dos monumentos da bacia depressionária de Mirandela, já que a maioria daqueles que nos é dado conhecer actualmente (pela prospecção) nesta região insere estruturas megalíticas. Nalguns casos é claro que se trata mesmo de monumentos de corredor. Infelizmente a maioria dos *tumuli* já desapareceu completamente (*). É porém importante fazer notar que muito próximo do local da Pedreira, no topónimo *Antinha*, existiu um dólmén, provavelmente de corredor, noticiado e desenhado (em esquema) por F. M. Alves (†). Ainda no núcleo da Pedreira, a mamoa 2 parece conter uma estrutura megalítica de pequenas dimensões, em xisto.

(*) Cf. nota 1

(†) F. M. Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, IX, Bragança 1990, 707-708.

Quer na bacia de Mirandela, quer no próprio conjunto de (cinco) monumentos que se concentram nas zonas aplanadas em torno a S. Pedro de Vale do Conde, parece ser evidente o polimorfismo das arquitecturas internas dos *tumuli*. À medida que se desenvolvem trabalhos sistemáticos de prospecção e escavação nas mamoaas localizadas em regiões até há pouco quase desconhecidas do ponto de vista arqueológico, este facto tem vindo a impor-se.

Recentemente escavámos mais um monumento numa região próxima desta — no Planalto Mirandês ; este *tumulus* — Mamoa 2 de P. do Mocho — encontrava -se muito bem conservado e revelou uma estrutura central em “poço” ou “fossa” muito profunda (6) , embora este planalto pareça apresentar, no seu conjunto, *tumuli* muito peculiares, marcados pela ausência de grandes estruturas megalíticas. Todavia, também aqui as estruturas funerárias centrais dos monumentos já escavados são diferentes umas das outras.

Tornar-se-ia despropositado no âmbito deste artigo enumerar as mamoaas que até há bem pouco tempo têm sido tidas como “excepcionais” pelo facto de não conterem câmaras megalíticas, pois o seu alargado número, quer no N. de Portugal, quer na Galiza ou Astúrias, mereceria, por si só uma abordagem específica adentro do fenómeno tumular.

Estudos de *tumuli* na província da Galiza — província onde o fenómeno megalítico é marcante — têm também evidenciado nos últimos anos e mercê do desenvolvimento de trabalhos de escavação, estruturas internas não megalíticas bastante diversas. Cremos ser oportuno destacar aqui dois monumentos. A Mamoa 6 da Cruz do Bocelo (Serra de Bocelo), que de modo similar àquele que é objecto deste estudo, continha, aproximadamente no centro, uma “louseta fincada” e apoiada no pavimento inferior do tumulus. Este pavimento, embora irregular, também havia sido criado artificialmente; outros pormenores estratigráficos induzem os autores deste trabalho a considerar a mamoa 6 como monumento desprovido de câmara megalítica; a laje fincada e o respectivo pavimento constituiriam a estrutura central (7). Por sinal, o monumento nº 28 da mesma necrópole — Mamoa 28 da Cruz do Bocelo —, também albergava no seu interior (no seu centro geométrico aproximado), uma pequena fossa de cerca de 40 cm de profundidade (e de diâmetro ainda incompletamente conhecido no estado actual dos trabalhos de escavação), escavada, tal como na mamoa 1 da Pedreira, no solo geológico da base (8).

Parece-nos que todas estas mamoaas “não megalíticas”, ao documentarem, no seu conjunto, uma tendência “cultural” específica patente na *desvalorização espacial* (e arquitectónica) *do local sepulcral* que se esconde no interior da massa tumular (mais ou menos monumental), reflectem um fenómeno ritual que perpassou por vários grupos culturais “megalíticos” ou “não megalíticos”, durante toda a Pré-história recente.

Post-data

Este artigo encontrava-se já em últimas provas quando recebemos do Laboratório de Radiocarbono do CSIC-Madrid, o resultado da análise pelo C14 de duas amostras que o Sr. Doutor Fernán Alonso, director daquele laboratório, teve a amabilidade de analisar graciosamente e a quem desde já agradecemos.

Para a apresentação dos resultados seguimos a numeração das amostras conforme foram apresentadas neste trabalho, no ponto 4 — Espólio.

São os seguintes os resultados:

Amostra 4 — A12/13, Estrutura Pétreia, camada 4: CSIC 888-890 ± 50 BP (1060 d. C.).

Amostra 5 — A12/13, (topo da camada 2, no contacto com a camada 4): CSCI 889-930 ± 60 BP (1020 d.C.).

Conclui-se assim que todo o interior da Estrutura Pétreia foi sujeita a revolvimentos, tendo os mais profundos ocorrido, segundo estas datas, por volta do ano mil.

Ainda os resultados das análises antracológicas — Amostras 4 e 5 do Anexo — devem ser referidos a estas datas.

Junho de 1992.

(6) M. J. Sanches, M. M. O. Santos Silva e I. J. Teles M. Botelho, Mamoa 2 de Pena do Mocho — um tumulus provido de uma estrutura central em “poço” (Sanhoane, Mogadouro), *TAE* 32 1992, 201-234.

(7) F. Criado Boado e X. Vaquero Lastres, Mamoaas 6 e 28 da Cruz do Bocelo, *Arqueologia-Informaciones* 2 1988, 111-114.

(8) Cf. nota 7, 114-116.

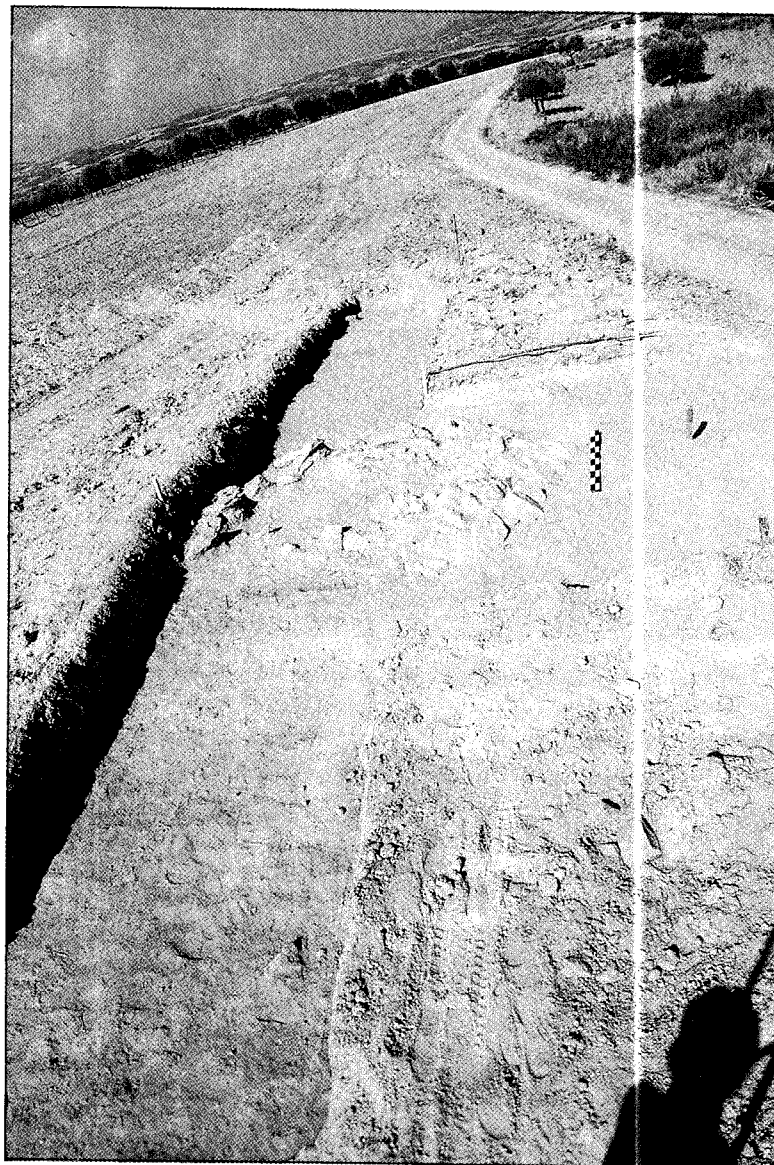


1 — Vista geral da Mamoa 1 da Pedreira (campo lavrado no centro da imagem), antes da escavação.



2 — Vista geral da mamoa 1 da Pedreira cujo *tumulus* foi cortado pelo estradão.

Est. II



Mamoá 1 da Pedreira com a Estrutura Pétreá central (EP); o asterisco indica o local do buraco que inseria o "esteio".

ANEXO

Mamoas 1 da Pedreira — Resultados antracológicos

por Isabel Figueiral

Os carvões identificados nesta análise provêm de cinco amostras recolhidas durante os trabalhos de escavação da mamoa 1 da Pedreira. Estas amostras levam a indicação e numeração do texto do artigo. Assim, as amostras 3 e 4 foram recolhidas nos sedimentos da camada 4 da Estrutura Pétreia central (quadrados A12/A13); a amostra 1 foi recolhida nas terras que consolidavam as pedras da mesma Estrutura Pétreia — camada 1 — (quadrado E13); finalmente a amostra 2 recolheu-se da base da «fossa» ou buraco que primitivamente inseriria o esteio (quadrado A12). Um total de 150 fragmentos foram identificados, tendo sido distinguidos diversos taxa, entre os quais dois tipos de Urze (*Erica arborea* e *Erica* tipo *scoparia*), Sobreiro (*Quercus suber* + cortiça), Giestas (Leguminosa tipo *Cytisus*), Medronheiro (*Arbutus unedo*), Esteva (*Cistus* sp.) e Trovisco (*Daphne gnidium*). Um dos fragmentos analisados foi identificado como *Quercus* tipo *ilex*. Cremos tratar-se de *Quercus suber*, mas as dimensões extremamente reduzidas do fragmento tornam impossível uma identificação específica precisa.

Resultados: (Para melhor referência ver Fig. 5 deste artigo)

<i>Camada 4</i>	<i>Amostra 3</i>	<i>Amostra 4</i>
<i>Arbutus unedo</i>	0	12
<i>Cistus</i> sp.	0	10
Cortiça	1	0
<i>Daphne gnidium</i>	1	0
<i>Erica arborea</i>	6	19
<i>Erica</i> tipo <i>scoparia</i>	5	9
<i>Erica</i> sp.	11	21
Leguminosa tipo <i>Cytisus</i>	1	9
<i>Quercus</i> tipo <i>ilex</i>	0	1
Indeterminável	1	5

Camada 4: Total de fragmentos identificados: 112

<i>Camada 2</i>	<i>Amostra 5</i>
<i>Arbutus unedo</i>	5
<i>Cistus</i> sp.	3
<i>Erica arborea</i>	3
<i>Erica</i> sp.	10
Leguminosa tipo <i>Cytisus</i>	3
Indeterminável	1

Camada 2: Total de fragmentos identificados: 25

«Base do esteio» — *Amostra 2* (quadrado A12): Cortiça 2

Sobre contraforte — Amostra 1 (quadrado E13):

<i>Arbutus unedo</i>	5
Leguminosa tipo <i>Cytisus</i>	1
<i>Quercus suber</i>	5

Total de fragmentos da amostra 1: 11

A interpretação correcta dos dados obtidos neste monumento só poderá ser feita no futuro, quando a multiplicação dos estudos de carácter ambiental, nesta região, for uma realidade. Com efeito, os nossos resultados têm um carácter muito pontual não apenas pelo número reduzido de carvões, mas sobretudo pelo facto de estes terem sido encontrados concentrados. Qualquer interpretação de natureza ambiental só pode assim tomar em linha de conta o factor presença/ausência das espécies. Não nos podemos assim aperceber da importância real destas espécies no meio-ambiente, no qual se insere este monumento.

Assinalaremos assim a presença de taxa que fazem parte actualmente de uma das comunidades vegetais (Comunidade 2) da região Duriense (Rego, 1983): *Quercus suber*, *Erica arborea* e Leguminosa do tipo *Cytisus*. Esta formação vegetal é característica das zonas mais húmidas desta região. A presença do Trovisco, do Medronheiro e das Estevas revela-se ecologicamente coerente com os taxa anteriormente assinalados. Com efeito, estes elementos, juntamente com a Urze branca (ou Torga — *Erica arborea*) estão geralmente associados com a degradação do montado. Estamos aqui perante elementos vegetais de afinidade marcadamente mediterrânica.

Será importante assinalar que a lista taxonómica obtida aqui, embora muito incompleta em termos ecológicos, apresenta semelhanças com a que foi obtida com o estudo dos povoados do Cunho e Barrocal Alto (Figueiral in Sanches, 1992). Todos os taxa identificados na Mamoa 1 da Pedreira foram assinalados igualmente no abrigo do Buraco da Pala (Figueiral, 1991). Através da conjugação dos resultados antracológicos até agora obtidos começa-se assim a esboçar uma imagem da paisagem vegetal do Nordeste do país, durante a Pré-História recente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- I. Figueiral (1991), Buraco da Pala: um meio ambiente vegetal explorado pelo homem. Resultados da análise antracológica, *Actas do II Encontro Paleoecologia e Arqueologia*. Vila Nova de Famalicão 1991, 13-29.
- I. Figueiral (1992), Primeiros resultados antracológicos do Planalto Mirandês: os povoados do Barrocal Alto e Cunho, in M. J. Sanches, *Pré-história Recente no Planalto Mirandês*. (Monografias Arqueológicas 3), Porto 1992, 155-159.
- Rego F. (1983), A study on Douro vegetation, *Ecologia Mediterranea IX* (Fasc. 2) 1983, 91-108.